

HVMANITAS

Sófocles, Antígona: Teatro Nacional de São João, Porto: encenação de Nuno Carinhas, tradução de Marta Várzeas

Autor(es): Lourenço, Frederico

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/23318>

Accessed : 15-Sep-2019 15:03:00

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



humanitas



Vol. LXII
2010

Sófocles, *Antígona*.
Teatro Nacional de São João, Porto. Encenação de Nuno Carinhas,
tradução de Marta Várzeas

Estreada a 26 de Março de 2010, e com espectáculos que se prolongaram até 23 de Abril (a que se seguiu um pequeno périplo por outras cidades: Viseu, Bragança e Viseu), esta nova encenação da intemporal *Antígona* sofocliana proporcionou a todos quantos tiveram o privilégio de a vivenciar uma experiência que ficará certamente como inesquecível. Antes de mais há a destacar a concepção cenográfica do encenador-cenógrafo Nuno Carinhas, que convenceu imediatamente pelo misto feliz de imponência e de realismo. O espectador tinha diante dos olhos uma Tebas de visual dir-se-ia “micénico”, enquadramento perfeito para o drama de um tragediógrafo ateniense que, por diversas vezes, recriou pela palavra poética a realidade psicológica de uma Tebas mítica onde cabem todos os confrontos entre o ser humano e si próprio. Murallas de inspiração ciclópica, cujas tonalidades cromáticas (ora cor de sangue, ora cor de terra) oscilavam ao sabor dos picos de emoção vividos em palco – eis o espaço cénico não isento de brutalidade, do qual, logo desde a sua entrada, se assenhoreia Creonte, personagem de maior relevo na encenação de Nuno Carinhas e extraordinariamente interpretada por António Durães. As velhas controvérsias, bem conhecidas dos helenistas, sobre quem será na peça a personagem a que Sófocles confere a primazia, conheceram (pelo menos temporariamente...) no palco do Teatro Nacional de São João uma solução convincente; e o autor destas linhas, pelo menos, deu por si a especular ao longo do espectáculo sobre as razões que teriam levado Sófocles a intitular a peça *Antígona* e não *Creonte*.

Numa encenação que evitou com mérito a leviandade de criar efeitos fáceis por meio de inovações gratuitas, não deixou de surpreender a opção de atribuir o papel de Tirésias a uma actriz (neste caso à excelente Emília Silvestre). Claro que a “biografia” mítica de Tirésias nos ensina que ele participou de ambas as naturezas, masculina e feminina, em diferentes momentos da sua vida, mas parece evidente para os leitores de Sófocles que, no *Rei Édipo* e na *Antígona*, o vidente se encontra numa fase do seu percurso de vida em que a sua natureza é inequivocamente masculina. Mais natural, apesar de tudo, se afigurou a solução de recorrer aos próprios actores dos papéis principais e secundários da peça para a formação do Coro (liderado pelo Corifeu Jorge Mota). Actores esses que estiveram ao nível dos dois desafios, coral e solístico, desde Maria do Céu Ribeiro e

Alexandra Gabriel (nos papéis de Antígona e Ismena, respectivamente), a Lígia Roque (Eurídice), Pedro Almendra (Segundo Mensageiro), José Eduardo Silva (Hémon), Paulo Freixinho (Guarda) e João Castro (Primeiro Mensageiro). Os louros da excelência interpretativa, no entanto, ficaram claramente nas mãos dos já referidos António Durães e Emília Silvestre.

O trabalho de luzes, da responsabilidade de Rui Simão, assim como os figurinos de Bernardo Monteiro (nem helénicos nem pós-modernos, simplesmente intemporais), foram mais-valias de um espectáculo impressionante na concretização visual. Mas, a par da encenação tão profunda quanto subtil de Nuno Carinhas, o factor que mais contribuiu para o êxito do espectáculo foi a brilhante tradução de Marta Várzeas, estudiosa de Sófocles com provas dadas, que se revelou uma tradutora de fina sensibilidade e de apurado bom gosto. O texto mereceria maior divulgação, pelo que se espera que possa vir a ser publicado.

FREDERICO LOURENÇO

XII Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico

Decorre ainda, à data da redacção desta notícia, o XII Festival de Teatro de Tema Clássico, organizado pelo FESTEIA, em estreita colaboração com o Instituto de Estudos Clássicos, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (através da linha de investigação “Pragmática Teatral”) e com o Thíasos, grupo residente. Nesta edição, o Grupo *Thíasos*, além da comédia de Plauto *O Fulaninho de Cartago*, uma tradução e encenação de José Luís Brandão, que já vinha do ano anterior, apresentou, como novidade, o *Hipólito* de Eurípides, uma tradução de Frederico Lourenço, encenada por Carlos de Jesus, com direcção de actores de Cláudio Castro Filho. O *Thíasos* levou ainda à cena o recital *Anacreonteia: pintar com vinho as setas do Amor*, uma selecção de textos traduzidos por Carlos de Jesus e encenados por Lia Nunes.

Como já vem sendo costume, contámos com a presença de dois grupos estrangeiros. Na primeira parte do festival, virada mais para o público do ensino secundário, esteve presente *El Aedo Teatro* (Cádiz), que trouxe o *Prometeu Agrilhado* de Ésquilo e o *Truculento* de Plauto. Em Julho, tivemos connosco *Calatalifa* de Villaviciosa de Odón, que nos brindou com a *Electra* de Sófocles e o *Eunuco* de Terêncio. Quanto a outros grupos